

Contexto

Revista Anual de Estudios Literarios | vol. 30 - n.º 32 - Año 2026
e-ISSN: 2610-7902 | e-Depósito Legal: Me2018000066



Rafael Sánchez / De la serie *Intercepciones* / 2024
mixta sobre cartulina - collage / 20 x 20 cm

Artículo

Os deslocamentos femininos no romance histórico de Ana Miranda

El desplazamiento de las mujeres en las novelas históricas de Ana Miranda

The displacement of women in Ana Miranda's historical novels

Elane da Silva Plácido¹

Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco
(FEMAF)

placido1185@gmail.com

Recibido 20-01-2026

Aprobado 27-02-2026

Carlos Magno Gomes²

Universidade Federal de Sergipe (UFS)
calmag@bol.com.br

Resumo: Ana Miranda figura entre os principais expoentes do romance histórico brasileiro do século XX. Entre suas obras mais relevantes, destacam-se *Boca do Inferno* (1989), homenagem a Gregório de Matos, e *Dias & Dias* (2002), dedicado a Gonçalves Dias. Em *Desmundo* (1996), a autora retorna ao período da colonização portuguesa para resgatar a experiência histórica das órfãs lusitanas enviadas compulsoriamente ao Brasil com o objetivo de se casarem com colonizadores. A narrativa evidencia as múltiplas formas de opressão sofridas por essas mulheres, exploradas no contexto colonial como instrumentos de reprodução e consolidação da presença portuguesa no território. Para construir esse percurso, Ana Miranda dialoga com documentos oficiais, a fim de dar voz a sujeitos femininos silenciados pela história, por meio de uma perspectiva crítica e transgressora. Para a análise da obra, mobilizam-se as reflexões de Del Priore, Lugones e Figueiredo, com o intuito de problematizar a posição da protagonista Oribela, cuja postura questiona a naturalização da violência matrimonial imposta às órfãs. Assim, a investigação concentra-se no entrelaçamento entre história e ficção, buscando identificar os deslocamentos e as resistências femininas no processo de povoamento do Brasil.

1. Professora na Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco. Doutora em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. Mestra em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduada em Administração Pública pela Universidade Estadual do Maranhão. Graduada em Letras pela Faculdade de Educação São Francisco. Código ORCID: 0000-0001-9414-4862.

2. Professor Titular da área de Estudos Literários da UFS. Coordenador do PPGL/UFS (2025/2027). Pesquisador CNPq. Membro da diretoria da ANPOLL (2025/2027). Coordenador do GELIC/CNPq/UFS. Código ORCID: 0000-0001-9070-9010.

¿Cómo citar?

Silva, E. y Gomes, C. "Os deslocamentos femininos no romance histórico de Ana Miranda". *Contexto*, vol. 30, n.º 32, 2026, pp. 179-195.



UNIVERSIDAD
DE LOS ANDES
DR. PEDRO RINCÓN GUTIÉRREZ
TACHIRA VENEZUELA

Palavras-chave: Ana Miranda; literatura brasileira do século XX; representação da mulher; romance histórico; revisão crítica.

Resumen: Ana Miranda es una de las principales exponentes de la ficción histórica brasileña del siglo XX. Entre sus obras más importantes se encuentran *Boca do Inferno* (1989), un homenaje a Gregório de Matos, y *Dias & Dias* (2002), dedicada a Gonçalves Dias. En *Desmundo* (1996), la autora regresa al período de la colonización portuguesa para rescatar la experiencia histórica de las huérfanas portuguesas enviadas a la fuerza a Brasil para casarse con los colonizadores. La narrativa destaca las múltiples formas de opresión que sufrieron estas mujeres, explotadas en el contexto colonial como instrumentos para la reproducción y consolidación de la presencia portuguesa en el territorio. Para construir esta narrativa, Ana Miranda se relaciona con documentos oficiales para dar voz a las mujeres silenciadas por la historia, a través de una perspectiva crítica y transgresora. Para el análisis de la obra, se utilizan las reflexiones de Del Priore, Lugones y Figueiredo, con el objetivo de problematizar la postura de la protagonista, Oribela, cuya postura cuestiona la naturalización de la violencia conyugal impuesta a los huérfanos. Así, la investigación se centra en la interrelación entre historia y ficción, buscando identificar los desplazamientos y las resistencias de las mujeres en el proceso de poblamiento de Brasil.

Palabras clave: Ana Miranda; literatura brasileña del siglo XX; representación de la mujer; novela histórica; reseña crítica.

Abstract: Ana Miranda is among the leading exponents of 20th-century Brazilian historical fiction. Among her most important works are *Boca do Inferno* (1989), a tribute to Gregório de Matos, and *Dias & Dias* (2002), dedicated to Gonçalves Dias. In *Desmundo* (1996), the author returns to the period of Portuguese colonization to reclaim the historical experience of Portuguese orphans forcibly sent to Brazil to marry colonizers. The narrative highlights the multiple forms of oppression suffered by these women, exploited in the colonial context as instruments for the reproduction and consolidation of the Portuguese presence in the territory. To construct this narrative, Ana Miranda engages with official documents in order to give voice to female subjects silenced by history, through a critical and transgressive perspective. For the analysis of the work, the reflections of Del Priore, Lugones, and Figueiredo are mobilized, with the aim of problematizing the position of the protagonist Oribela, whose stance questions the naturalization of marital violence imposed on orphans. Thus, the investigation focuses on the intertwining between history and fiction, seeking to identify the displacements and resistances of women in the process of populating Brazil.

Keywords: Ana Miranda; Brazilian literature of the 20th century; representation of women; historical novel; critical review.

Introdução

Ana Miranda destaca-se, no cenário literário brasileiro, pelo reconhecimento alcançado por seus romances históricos. Foi consagrada com o Prêmio Jabuti pelas obras *Boca do Inferno* (1990) e *Dias & Dias* (2002). O primeiro romance obteve ampla repercussão nacional e internacional, sendo reconhecido pela crítica como precursor do novo romance histórico brasileiro e traduzido para mais de vinte idiomas. Para a identificação das marcas históricas na obra de Miranda, este estudo fundamenta-se nas abordagens feministas de Del Priore, que discute o silenciamento da mulher na história oficial (p. 9); de Lugones, que propõe a descolonização de gênero a partir da noção de “locus fraturado” (p. 935); e de Miranda, cujas reflexões permitem evidenciar a posição da protagonista Oribela diante da naturalização da violência matrimonial imposta às órfãs enviadas à colônia (p. 7).

Um aspecto recorrente na escrita de Ana Miranda é a expressiva presença da voz feminina, que se manifesta não apenas na escolha de protagonistas mulheres, mas, sobretudo, na forma como essas vozes se afirmam, questionam e ressignificam a história oficial. Essa estratégia narrativa alcança elevado grau de elaboração na obra *Desmundo* (1996), que propõe uma reflexão crítica sobre a condição feminina no Brasil colonial. Ambientado no século XVI, o romance narra a trajetória de sete meninas órfãs enviadas compulsoriamente de Portugal ao Brasil com o objetivo de se casarem com colonizadores e contribuírem para o processo de povoamento da colônia. O leitor acompanha, assim, não apenas a dura travessia oceânica, mas também os efeitos das imposições religiosas, sociais e patriarcais que atravessam e marcam profundamente a experiência dessas jovens.

A narrativa tem início com a deportação da narradora Oribela e de outras órfãs, persuadidas a se “doarem” à vida matrimonial na colônia como forma de evitar a prática do concubinato entre colonizadores portugueses e mulheres indígenas, duramente condenada pela Igreja Católica. Ao adotar a voz feminina como eixo estruturante de sua escrita, Ana Miranda realiza um gesto de insurgência simbólica contra essa lógica colonizadora, ao conferir centralidade às experiências, afetos e resistências de mulheres pioneiras que, em grande medida, foram marginalizadas ou silenciadas pelos relatos históricos oficiais.

No que se refere às tênues fronteiras entre literatura e história, observa-se que ambas compartilham a preocupação em narrar e resgatar o passado. Conforme Pesavento, “a relação entre a História e a Literatura se resolve no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real” (*História...*, p. 80). Para Luiz Costa Lima, “a história não é ficção”, pois existem

distinções fundamentais entre a escrita da história e a ficção literária. O autor ressalta que “cada uma delas ocupa uma posição diferencial quanto à imaginação. A imaginação atua na escrita da história, mas não é o seu lastro” (Lima, p. 65). Neste trabalho, parte-se do entendimento de que as representações históricas e literárias podem se complementar, tensionando categorias rígidas e possibilitando uma leitura crítica do passado a partir de uma perspectiva feminista. Na sequência, aprofunda-se a discussão acerca das relações entre literatura e história.

Ficção e recriação do passado histórico

Ao recriar o passado colonial brasileiro, Ana Miranda constrói um sofisticado entrecruzamento de textos históricos e literários com o objetivo de privilegiar o ponto de vista feminino. Sua produção literária assume, assim, um caráter pioneiro no que se refere a uma perspectiva descolonizadora da história. Conforme afirma Boaventura de Sousa Santos, “revisitar a história é descolonizar a história” (p. 107), e é justamente nesse movimento que se insere a escrita de Miranda. A autora articula um texto que revisita o passado sem esquivar-se do terror da violência imposta às mulheres, expondo as marcas do silenciamento feminino no processo colonizador. Em sua obra, abre-se a possibilidade de desestabilizar o ponto de vista hegemônico e de trazer à cena a história da vida privada das mulheres que habitaram e construíram o vasto território brasileiro.

Entre as autoras contemporâneas brasileiras que retomam estratégias semelhantes às de Ana Miranda, destacam-se romances como *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves; *Água de Barrela* (2016), de Eliana Alves Cruz; e *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), de Maria José Silveira. Essas obras não se limitam à simples retomada do passado histórico, mas se comprometem com uma literatura de revisão crítica do lugar de fala da mulher, enfatizando o protagonismo feminino, especialmente das mulheres responsáveis pelo povoamento e pela construção social e cultural do país. Trata-se, portanto, de narrativas que reavaliam os discursos históricos oficiais e reivindicam novas formas de representação.

Essa literatura que revisa os padrões de gênero impostos pela colonização pode ser compreendida como sendo de caráter paródico e subversivo. No caso específico de Ana Miranda, a autora opta por narrar a colonização a partir do ponto de vista da mulher violentada, apresentando o olhar feminino como um deslocamento crítico do discurso colonizador. Ao transformar as opressões sofridas pelas mulheres em eixo central de sua narrativa, Miranda subverte uma lógica historicamente presente na literatura brasileira, na qual as vozes femininas foram, por muito tempo, marginalizadas ou silenciadas.

Ao adotar uma literatura de cunho contestatório, a autora tensiona as fronteiras entre história e ficção, colocando em xeque a suposta neutralidade dos discursos históricos. Ao reescrever a história, Miranda evidencia que tanto a historiografia quanto a ficção “decidem quais os acontecimentos que se transformarão em fatos” (p. 161). No romance *Desmundo*, o jogo entre o relato histórico e o ficcional apresenta-se de forma fragmentada, sem a pretensão de hierarquizar um em detrimento do outro; ao contrário, há um movimento de diluição entre ambos. A obra problematiza o resgate do passado histórico e amplia o horizonte de expectativas acerca das formas pelas quais as mulheres foram silenciadas. Se, na história oficial, a voz feminina foi frequentemente secundarizada, nos romances de Miranda essas vozes ganham força e protagonismo. Do ponto de vista técnico, *Desmundo* é construído a partir de documentos oficiais e literários, os quais são revisitados criticamente, a fim de subverter as estratégias discursivas do colonizador.

Nesse sentido, compreende-se que a obra de Ana Miranda nasce do entrecruzamento entre estratégias históricas e literárias voltadas para a reconstrução crítica do passado. Nicolau Sevcenko, ao estudar autores como Euclides da Cunha e Lima Barreto, reconhece a possibilidade e a relevância desse diálogo entre história e literatura. Para o teórico, a literatura “constitui possivelmente a porção mais dúctil, o limite mais extremo do discurso, o espaço onde ele se expõe por inteiro, visando reproduzir-se, mas expondo-se igualmente à infiltração corrosiva da dúvida e da perplexidade” (Sevcenko, p. 28).

Por sua flexibilidade discursiva, a literatura desempenha um papel fundamental ao evidenciar, em sua própria estrutura, dúvidas, ambiguidades e contradições. Quando Sevcenko afirma que a literatura ocupa o limite mais extremo do discurso, ele destaca seu caráter eminentemente linguístico e simbólico. Desse modo, a realidade representada nas obras literárias não existe fora do contexto do discurso, sendo construída por meio da verossimilhança dos fatos e acontecimentos narrados. Assim, a literatura não reproduz a realidade de forma direta, mas a reconfigura criticamente.

Ainda segundo Sevcenko, a literatura avalia as intrigas e tensões organizadas na sociedade, produzindo um discurso crítico dotado de significação singular. Como produto artístico, ela reflete as condições socioculturais do meio no qual os autores estão inseridos, evidenciando uma “interdependência estreita existente entre os estudos literários e as ciências sociais” (Sevcenko, p. 28). Essa relação reforça a importância da literatura como instrumento de análise histórica e social.

Dessa forma, acredita-se que a aproximação entre literatura e história não apenas enriquece as análises do passado, como também amplia os sentidos dos episódios históricos por meio de sua ficcionalização. Sobre as diferenças entre os

discursos histórico e literário, Lima destaca que “a escrita da história, da ficção e da literatura salta aos muros das academias e remete ao cotidiano” (Lima, p. 65). Assim, torna-se perceptível a articulação entre esses discursos e a maneira como eles interferem no entendimento e na interpretação dos eventos históricos. A linguagem, nesse contexto, desempenha papel central na construção dos fatos e acontecimentos, ao articular constantemente os discursos histórico e literário.

Observa-se, portanto, que Ana Miranda se apropria de documentos históricos para reescrevê-los a partir de seu lugar de fala. Embora parta de fontes oficiais, sua obra é atravessada pela imaginação e pela representatividade do real. A autora recria o passado com base em dados históricos, mas sob uma ótica singular e crítica, como será analisado ao longo deste artigo.

Esses registros históricos são apresentados por meio de uma revisão literária que promove a identificação entre passado e presente, ao trazer para o centro da narrativa personagens historicamente marginalizados. Ao assumir uma narradora feminina, essas obras reforçam a reflexão sobre o lugar de fala das mulheres nos principais momentos históricos e sociais, por muito tempo ocultados. Desse modo, a relação entre literatura e história revela-se organizada de modo a questionar e ressignificar os discursos que sustentaram o silenciamento feminino ao longo dos séculos.

É fundamental não confundir a relação existente entre literatura e história, uma vez que se tratam de campos distintos do conhecimento. A produção historiográfica, diferentemente da literária, não se constrói a partir da subjetividade ou da imaginação próprias da ficção, mas fundamenta-se em fatos, documentos e evidências que buscam representar acontecimentos reais. Isso ocorre porque a História trabalha com atributos objetivos da realidade, ainda que reconheça a mediação interpretativa do historiador. Nesse intento,

a ficção não seria [...] o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador [...]. Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta [...] o que nela se resgata é a reapresentação do mundo que comporta a forma narrativa (Pesavento, 1995, p. 117).

A narrativa literária tem como um de seus principais interesses a representação do mundo, ampliando a compreensão da realidade por meio de múltiplas expressões capazes de abarcar os fenômenos humanos e suas inter-relações, atribuindo-lhes novos sentidos. História e literatura, embora dialoguem em diversos momentos, não devem ser confundidas, uma vez que cada uma se fundamenta em discursos próprios e objetivos distintos. Ainda assim, esses campos

se entrecruzam quando historiadores e ficcionistas constroem versões dos fatos, aproximando-se na tentativa de interpretar e significar o passado.

Os questionamentos situados no entre-lugar da ficção e da recriação do passado histórico permitem evidenciar elementos históricos, sejam eles literários ou não. Ao mobilizar o imaginário, a literatura oferece uma representação da realidade que, longe de reproduzi-la fielmente, reelabora-a de forma crítica e simbólica. Nesse processo, ao refletir sobre diferentes maneiras de representar a realidade social, abrem-se novas possibilidades para o desenvolvimento do romance. Isso posto, após as discussões apresentadas nesta seção, propõe-se uma reflexão acerca de como a revisão crítica da narração histórica, na obra de Ana Miranda, evidencia as relações entre história e literatura.

Revisão crítica na narração histórica de Ana Miranda

No que se refere à crítica literária sobre o romance de Ana Miranda, observa-se a existência de estudos que se dedicam a analisar as particularidades da representação histórica em suas obras. O reconhecimento da autora consolida-se, sobretudo, a partir do momento em que passa a ficcionalizar a vida de grandes escritores da literatura brasileira, transformando os bastidores de suas trajetórias pessoais e intelectuais em matéria-prima para a construção de seus romances. Esse procedimento narrativo confere originalidade à sua produção e evidencia um diálogo profícuo entre história e ficção, no qual o passado é revisitado sob novas perspectivas interpretativas.

Na perspectiva de Mariléia Gärtner, a obra de Ana Miranda promove uma revisão crítica do patriarcado. Segundo a pesquisadora, os romances da autora assumem uma postura de desconstrução do “discurso patriarcal” e apresentam “uma versão mais justa da história das mulheres” (p. 17). Para Gärtner, a tessitura narrativa de Miranda fundamenta-se na revisão dos silêncios historicamente introjetados, uma vez que seus romances históricos incorporam uma perspectiva feminista ao se constituírem como espaços de reescrita da história, a partir das lacunas e omissões presentes nos documentos oficiais, tradicionalmente produzidos sob uma ótica masculina (Gärtner, p. 195-196). Dessa forma, a autora tensiona a historiografia dominante e amplia o campo de representação das experiências femininas.

Há certa unanimidade entre os analistas da obra de Ana Miranda quanto à sua apurada visão histórica. Trata-se de uma escritora que realiza investigações minuciosas sobre a vida e a produção de importantes nomes da literatura brasileira, como Gregório de Matos Guerra, Gonçalves Dias, Augusto dos Anjos e Clarice

Lispector, entre outros. Conforme aponta Nunes, Ana Miranda “destaca-se por um grande número de obras que obedecem às características do novo romance histórico e revela uma narrativa ficcional inovadora da história do Brasil” (Nunes, p. 107). Tal inovação manifesta-se de forma recorrente em romances que revisitam criticamente o período colonial e outros momentos históricos a partir do cotidiano, de experiências subjetivas e de dados particulares, deslocando o foco da narrativa oficial para vozes marginalizadas.

Gärtner ainda ressalta que Ana Miranda figura entre as escritoras responsáveis por conferir maior visibilidade ao romance histórico no cenário literário brasileiro, contribuindo para que esse gênero fosse apropriado por outras autoras como instrumento de crítica aos valores hegemônicos (Gärtner, p. 17). Ao articular o histórico e o literário, a escritora revisita os costumes do passado e questiona as normatizações que sustentam o silenciamento da mulher. Esse movimento de amadurecimento estético e ideológico revela-se estratégico e passa a se repetir em obras que deixam de utilizar a história apenas como pano de fundo, assumindo-a como objeto de análise a partir das relações de poder que a constituem.

o romance histórico deixou de ser a mera evocação romântica da história para se transformar numa análise do processo histórico. No romance do século XX, fundem-se os planos histórico e ficcional, evitando, assim, que se use a história simplesmente como pano de fundo (Gärtner, p. 29).

A releitura do período colonial brasileiro realizada por Ana Miranda evidencia como a crítica social se constrói a partir da narração histórica. Em *Desmundo*, a autora expõe não apenas as dores e o silenciamento das mulheres ao longo da história do Brasil, mas, sobretudo, a forma como a engrenagem de dominação colonial se apropriou duplamente do corpo feminino: primeiro, pela lógica patriarcal, e, em seguida, pela necropolítica colonial, que submeteu à violência e à exploração todos os corpos considerados úteis aos interesses da Coroa. Dessa maneira, a narrativa revela como gênero, poder e colonialidade se entrelaçam na constituição desse projeto histórico de opressão.

Nesse contexto, compreende-se que as mulheres órfãs retratadas viviam sob a condição de subalternidade, uma vez que eram obrigadas a obedecer ao colonizador, detentor de uma relação assimétrica de poder e domínio. Tal condição resultava em dor, silenciamento e apagamento de suas subjetividades. Ainda assim, mesmo privadas de voz nos registros oficiais da história, essas mulheres não deixaram de resistir às imposições que lhes eram feitas. Ao dar centralidade às experiências das órfãs vindas de Portugal para o Brasil, Ana Miranda ressignifica o lugar de fala feminino por meio da personagem-narradora Oribela, que se constitui

como porta-voz de múltiplas histórias de mulheres forçadas ao casamento com colonizadores, como estratégia de povoamento e controle social da colônia.

Esses casamentos estavam longe de se configurarem como contos de fadas com finais felizes. Ao contrário, tornavam-se verdadeiros pesadelos quando o marido assumia o papel de opressor, impondo relações marcadas pela violência simbólica, moral e, muitas vezes, física. Em diversos casos, o matrimônio convertia-se em uma segunda forma de aprisionamento para jovens mulheres que, já submetidas a rígidas normas religiosas e sociais, passavam a viver sob constante vigilância e controle, tendo sua autonomia severamente limitada.

No romance de Ana Miranda, falam as mulheres. E, ao calar, seguem falando. Silêncio, em Literatura, às vezes é grito. É grito quando deixa transparecer nas entrelinhas, sutis e dolorosas, as fissuras da História: os abusos, o medo intermitente, as doutrinações, o escravismo, as instrumentalizações e usos políticos e religiosos de seus corpos, os apagamentos de seus desejos e o emergir de um ruído uníssono que fere ao excluir tudo que discorda e foge à narrativa considerada oficial (Holanda, p. 67).

A voz que ecoa de Oribela emerge do silenciamento e das rígidas normas impostas às mulheres como forma de resistência a todo e qualquer conjunto de regras que as personagens femininas do período colonial eram obrigadas a seguir. Um aspecto que merece destaque é o fato de que as órfãs, mesmo sendo de pele branca, também eram submetidas a diferentes formas de violência e agressão. O único privilégio concedido em razão da cor da pele restringia-se ao consentimento social para o casamento, mecanismo por meio do qual poderiam ser aceitas e integradas à ordem social vigente.

A partir do prisma do olhar feminino, pontilhado de crenças, medos e questionamentos diante do mundo/desmundo, e da experiência do deslocamento, o romance Desmundo resgata algumas lacunas que a História não narrou, explorando-as de forma a reconstruir, ficcionalmente, histórias necessárias para o entendimento da base de formação de nossa sociedade brasileira, qual seja, a profunda subjugação da mulher pelo violento sistema patriarcal na colônia recém-formada e em ebulição (Andrade e Machado, p. 62).

No romance, evidencia-se o resgate histórico das mulheres órfãs no contexto do Brasil colonial a partir de uma perspectiva feminina, que confere voz e protagonismo a sujeitos historicamente silenciados. A forma como as ações dessas mulheres é narrada constitui uma estratégia de revisão crítica da história oficial.

Muitas delas sentem-se deslocadas e perdidas nessa nova realidade, sobretudo por não conseguirem desenvolver um sentimento de pertencimento à nação em formação. Incapazes de encontrar acolhimento ou paz no novo território, alimentam o desejo constante de retorno à terra natal, Portugal, que permanece como referência de identidade e segurança.

Esse processo de deslocamento provoca um profundo desânimo nas personagens, refletindo-se na recorrente vontade de fuga e no anseio de regressar ao espaço de origem. Tais tensões são reveladas de maneira sensível por meio do olhar de Oribela, cuja narrativa evidencia medos, inseguranças e desconfianças. Esses sentimentos são inicialmente intensificados pela forte religiosidade e pelas rígidas normas morais que regem a vida na colônia. Soma-se a isso a experiência traumática de um casamento forçado, marcado pela brutalidade do marido, descoberta que se revela aterradora para a personagem. Ainda assim, ao longo da narrativa, Oribela passa por um processo gradual de adaptação, no qual aprende, de forma dolorosa, a lidar com os costumes e as imposições do espaço colonial.

A narradora evidencia, a partir dos momentos iniciais da formação do Brasil, os modos de viver de um povo marcado por profundas tensões sociais, como a escravização e a intolerância racial e religiosa. Tais conflitos são apresentados pela voz de Oribela, funcionando como um potente instrumento de denúncia das formas de opressão que atravessavam a vida das mulheres, rigidamente controladas pelas normas da Igreja e pelas estruturas do patriarcado.

Do ponto de vista da crítica, a obra revela uma voz feminina que lê os momentos históricos de maneira diferenciada, mais sutil, delicada. Através da percepção de Oribela, avalia-se a vida colonial, os costumes, a cultura [...]. A obra de Ana Miranda reexamina a história colonial brasileira para melhor perceber os problemas atuais da cultura brasileira e também desafiar certas interpretações históricas registradas como documentos oficiais (Nunes, p. 136).

É a partir da carta de solicitação para o envio de mulheres órfãs destinadas ao casamento que Oribela inicia o relato da vinda dessas jovens de Portugal. Logo nas primeiras páginas da obra, destaca-se a presença de uma voz narrativa feminina que evidencia a chegada dessas mulheres ao Brasil como parte do projeto colonizador da Coroa portuguesa. Tal escolha narrativa confere centralidade à perspectiva da mulher, que assume o papel de narradora da história, articulando memória individual e contexto histórico ao reconstituir, desde o início, os percursos dessas órfãs sob o viés da colonização.

A' El-Rei D. João

(1552)

JESUS

Já que escrevi a Vossa Alteza a falta que nesta terra ha de mulheres, com quem os homens casem e vivam em serviço de Nosso Senhor, apartados dos peccados, em que agora vivem, mande Vossa Alteza muitas orphãs, e si não houver muitas, venham de mistura dellas e quaesquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaesquer farão cá muito bem à terra, e ellas se ganharão, e os homens de cá apartar-se-hão do pecado. Manoel da Nobrega (Miranda, p. 7).

Ao interpelar esse momento histórico do Brasil colonial, a narradora promove uma releitura do discurso oficial a partir de um olhar crítico, possibilitando ao leitor reconhecer o contexto da revisão histórica que inaugura a narrativa. Desse modo, a obra articula história e ficção de maneira indissociável, ao mesmo tempo em que centraliza a voz feminina como instância narrativa. Inserida nessa perspectiva, a narradora desconstrói o discurso hegemônico sobre o passado colonial, tensionando as versões tradicionais da história e evidenciando sujeitos historicamente silenciados.

O romance destaca o percurso das mulheres órfãs desde a viagem de Portugal até a chegada ao Brasil, bem como as intrigas e conflitos que se organizam em torno desse deslocamento forçado. Por meio da personagem Oribela, evidencia-se o objetivo idealizado pelos portugueses com a vinda dessas mulheres à colônia, conforme se observa no trecho: “Pondo três vezes o joelho no chão rezou a Deus e agradeceu as mulheres que chegavam nesta terra para ajudar nos trabalhos, para fecundar, parir, assim como cristãs e guardar todo o cabedal” (Miranda, p. 55). A passagem revela a instrumentalização do corpo feminino como elemento funcional ao projeto colonial.

Nesse sentido, a protagonista explicita a visão patriarcal que vigorava na colônia acerca da figura da mulher, cuja principal função estava associada à procriação e ao povoamento do chamado “Novo Mundo”. Entretanto, a vinda de mulheres brancas também estava intrinsecamente relacionada à questão racial e religiosa, uma vez que o Brasil colonial carecia, segundo a lógica da época, de brancos católicos. Assim, a chegada das órfãs da rainha visava assegurar a continuidade dos ideais da Igreja e da Coroa portuguesa, no intuito de “conter o nascimento de mestiços, que tanto afligia as autoridades” (Del Priore, p. 36).

A narradora apresenta sete órfãs muito jovens que chegam ao Novo Mundo com o propósito de se casar: dona Isobel, dona Bernardinha, dona Urraca, dona Tareja, dona Pollonia, a Velha e Oribela. A presença dessas personagens possibilita uma reflexão crítica sobre a política colonial que instituiu o envio das chamadas “Órfãs da Rainha” à colônia brasileira do século XVI, evidenciando os mecanismos de controle social, religioso e de gênero que marcaram a formação da sociedade colonial.

Ao explorar um tema central do período do povoamento do Brasil, a obra *Desmundo* ficcionaliza esse processo histórico a partir do olhar feminino, deslocando a narrativa tradicionalmente masculina que marcou os registros da colonização. Para a construção dessa ficção histórica, a autora dialoga com diferentes textos fundadores, conforme já citado, entre os quais se destaca, também, a Carta de Pero Vaz de Caminha (1500). Enquanto a carta do padre Manuel da Nóbrega funciona como texto-mote da narrativa, orientando o enredo e a motivação central do romance, a carta de Caminha é retomada de maneira crítica. Miranda a ressignifica ao problematizar o olhar colonizador, especialmente no trecho em que descreve as partes íntimas da mulher nativa, “suas vergonhas”, evidenciando o viés de objetificação e exotização presente no discurso colonial.

Por meus brios e horrores, não despreguei os olhares das naturais, sem defeitos de natureza que lhes pudessem pôr e os cabelos da cabeça como se forrados de martas, não pude deixar de levar o olhar a suas vergonhas em cima, como embaixo, sabendo ser assim também eu, era como fora eu a desnudada, a ver em um espelho (Miranda, p. 39).

Essa forma de retomar o texto histórico sob uma perspectiva crítica oferece um novo olhar sobre o passado, na medida em que privilegia a voz de uma mulher que, ao se comparar com a nativa, revela tensões silenciadas pelas narrativas oficiais. A postura da narradora pode ser compreendida como um exercício de autorreflexão que problematiza as chamadas “verdades históricas”, conforme discute Hutcheon ao tratar da metaficção historiográfica (p. 141). Tal postura manifesta-se nas constantes reflexões da personagem Oribela, que questiona o peso da ideologia machista à qual está submetida, evidenciando os mecanismos de opressão que atravessam sua experiência.

Oribela fornece indícios claros da presença sistemática da violência simbólica e material por meio de diversas estratégias de controle social. Essas estratégias vão desde a formação religiosa das órfãs até as orientações comportamentais impostas por Dona Brites, tia do esposo daquela, que sugere modelos rígidos de conduta feminina. É relevante destacar que essa personagem representa mulheres que, embora também submetidas ao patriarcado, atuam como agentes de sua manutenção, reproduzindo normas e valores opressores.

Por se tratar de uma obra que retoma criticamente o período colonial brasileiro, *Desmundo* pode ser compreendido como um exemplo de literatura decolonial, uma vez que se propõe a revisar as formas pelas quais as configurações de poder se estabeleceram entre colonizadores e colonizados. Observa-se, nesse contexto, que as mulheres, inclusive as portuguesas, também são submetidas a processos de exploração, sendo tratadas como colonizadas. Essa condição evidencia o que María Lugones denomina de “colonialidade de gênero” (p. 936), conceito que explicita como o poder colonial opera de maneira específica na disciplinarização dos corpos e das subjetividades femininas.

Na obra de Miranda, a revisão desse passado manifesta-se na retomada dos episódios envolvendo as órfãs portuguesas, obrigadas a migrar para o Brasil. Antes disso, eram submetidas a uma rigorosa disciplina cujo objetivo central era o ensino da obediência, como relata a obra: “não provar de tudo à mesa, não querer saber onde estão as baixelas dos inimigos, falar pouco e baixo, diante de uma porta, bater ou chamar e entrar só se mandarem. Tantas coisas nos ensinavam para nos lustrar e ver se havia entre as órfãs da rainha uma que fosse mais proveitosa” (Miranda, p. 67). A educação da submissão aparece, assim, como um processo de “lustração” das mulheres, moldando-as para a obediência irrestrita. Ao reconhecer essa prática, a narradora assume uma postura crítica e contestadora diante do excesso de disciplina imposto às órfãs.

Ao construir estrategicamente uma narradora que revisita e questiona as normas rígidas que a prepararam para “povoar” o Brasil, Ana Miranda privilegia uma escrita que problematiza o lugar da mulher na história. Essa escolha narrativa dialoga com a chamada “história das mulheres”, conforme propõe Scott, ao reconhecer que a perspectiva feminina oferece uma nova lente para a leitura do passado e “questiona a prioridade relativa dada à 'história do homem', em oposição à 'história da mulher', expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos” (Scott, p. 78).

Desse modo, a narradora de *Desmundo* deixa evidentes as marcas da violência colonial, ao mesmo tempo em que enfatiza a necessidade de revisar criticamente o passado. No que se refere às questões de gênero, o romance apresenta diversos elementos que contribuem para a compreensão de como a mulher era moldada para reproduzir um padrão europeu hegemônico. As órfãs eram treinadas para obedecer à Igreja, ao Reino e ao marido, sem qualquer espaço para o protagonismo feminino. A rigidez dessa formação revela-se em gestos cotidianos, como “não atalhar as palavras de quem fala e ouvir”, “não repreender os outros, mas a si mesmo” e “saber ser menor que todos os outros” (Miranda, p. 67). Ao detalhar essas lições, o texto evidencia que à mulher cabia apenas ouvir, silenciar-se e se autopolicar, reafirmando sua posição de subalternidade.

Essa concepção católica e patriarcal integrava a ideologia da Coroa portuguesa no processo de povoamento do Brasil. As famílias deveriam seguir rigorosamente as normas religiosas como forma de evitar o pecado, o que implicava não apenas limites comportamentais, mas também a normatização do corpo feminino segundo padrões estéticos específicos. Tal ideologia é exemplificada nos ensinamentos transmitidos por Brites de Albuquerque acerca da “perfeição das mulheres”, difundidos pelos manuais da época: “devia ser eu assim, assim, assim, cabelos longos, mãos delicadas, pés chicos, dentes miúdos, orelhas finas, seios redondos, testa lisa, antes fornidas, lábios carnosos, pescoço longo, garganta suave, mas que me havia um riso muito fechado e um semblante triste” (Miranda, p. 58).

Partindo desses apontamentos, identifica-se que tais padrões atuavam na normalização dos corpos das mulheres portuguesas, exigindo delas a constante vigilância sobre sua aparência como forma de garantir a manutenção do casamento. Oribela, no entanto, não concorda com essas imposições rígidas e revela sua discordância ao destacar o “riso fechado” e o “semblante triste” associados a esse ideal de perfeição. Ao se opor às normas impostas, a personagem assume uma postura de resistência que pode ser compreendida como decolonial, uma vez que questiona e subverte os padrões normativos hegemônicos impostos pela lógica colonial-patriarcal.

Considerações Finais

Ao analisar episódios históricos e ficcionais na narrativa de *Desmundo*, propõe-se uma revisão da história a partir do ponto de vista de uma mulher órfã, vinda de Portugal para o Brasil, submetida a processos de normalização opressiva. A obra revisita e resgata vozes historicamente silenciadas ao evidenciar as opressões impostas pela Coroa portuguesa como parte integrante da engrenagem colonizadora. Nesse sentido, a narradora explicita as violências simbólicas e físicas que estruturaram o projeto colonial, sobretudo no que diz respeito ao controle dos corpos femininos.

As articulações entre história e literatura apresentadas ao longo da narrativa revelam múltiplos aspectos sociais do mundo colonial, contribuindo para uma compreensão mais ampla e crítica dos acontecimentos históricos. No texto literário, a linguagem funciona como espaço de representação de ideias que dialogam diretamente com a pesquisa histórica, ao passo que a estética literária amplia o alcance interpretativo da obra, deslocando o olhar para além dos recursos meramente linguísticos e cronológicos.

Por meio da linguagem, a literatura expressa ações sociais inscritas em determinado contexto histórico, registrando uma leitura da realidade mediada por valores, normas e lugares socialmente construídos. Essa leitura, ancorada em um olhar sensível e experiente, possibilita compreender e interpretar a história sob um viés crítico, capaz de evidenciar as tensões e contradições silenciadas pelos discursos oficiais.

Ao inserir elementos literários no romance histórico, o diálogo com a realidade propõe novas formas de interpretação, reafirmando, e, ao mesmo tempo, problematizando, aquilo que já existe. A literatura, nesse movimento, estabelece uma relação representativa com o mundo, criando contextos mais conscientes e reflexivos acerca de discriminações e desigualdades, especialmente aquelas perpetuadas por meio da narrativa histórica hegemônica.

Dessa forma, o mundo pode ser artisticamente reorganizado, cabendo ao escritor de ficção a tarefa de construir sua narrativa a partir de múltiplas estratégias literárias que estruturam a obra. Nesse contexto, destaca-se a perspectiva da órfã como elemento imprescindível para a análise narrativa, uma vez que possibilita a revisão da condição de gênero no período colonial. A narradora questiona a naturalização das opressões impostas às mulheres, compreendidas como estratégias de controle e disciplinamento dos corpos femininos. Tal discussão é fundamental para compreender o silenciamento histórico das mulheres órfãs enviadas ao Brasil.

No romance, a personagem central, ao se opor às rígidas normas do sistema colonizador, passa a sofrer diversas formas de opressão e violência, revelando a lógica patriarcal que sustentava a posse e o controle do corpo feminino. O projeto colonizador português, ao priorizar a reprodução e a ocupação do território, reduzia essas mulheres à função de procriadoras, negando-lhes autonomia e subjetividade.

A narrativa carrega, assim, a marca da transgressão e reafirma o espaço da história e da literatura como lugar de revisão das lutas e resistências a partir do olhar feminino. As órfãs portuguesas são representadas como mulheres submetidas a condições análogas à escravidão, colocadas a serviço do projeto colonial, fundamentado em imposições rígidas e na marginalização daqueles que não se adequavam às normas estabelecidas.

Em vista dessas questões colocadas, a obra antecipa um olhar decolonial ao expressar uma postura de oposição às violências sofridas por Oribela. Ao revisitar o período colonial brasileiro, a narradora desvela aspectos hegemônicos instaurados nesse contexto e promove uma releitura das representações atribuídas às mulheres consideradas transgressoras. Desse modo, *Desmundo* não apenas revisa a história oficial, mas também ressignifica o lugar da mulher na narrativa histórica e literária.

Referências

- Del Priore, Mary. *Mulheres no Brasil Colonial*. São Paulo, Contexto, 2000.
- Gärtner, Mariléia. *Mulheres contando história de mulheres: O romance histórico brasileiro contemporâneo de autoria feminina*, 2006. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, tese de doutorado, <http://hdl.handle.net/11449/103689>. Acesso em 03 nov. 2024.
- Holanda, Camila Vilela de. *Desmundo, de Ana Miranda: A (des)leitura de um Brasil pela voz ficcional da mulher*, 2019. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, dissertação de mestrado em Literatura e Crítica Literária.
- Hutcheon, Linda. *Poética do pós-modernismo: História, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.
- Lima, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
- Lugones, María. "Rumo a um feminismo descolonial." *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.
- Machado, Maritz dos Santos Ferraz, e Lucimara de Andrade. "Desmundo, de Ana Miranda: deslocamento e reconstrução ficcional da história do Brasil colonial por um olhar feminino." *A Cor das Letras: Revista digital dos programas de pós-graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana*, v. 21, n. 3, set.-dez. 2020, pp. 61-73.
- Megill, Allan. "Literatura e História." *História & Narrativa: A ciência e a arte da escrita histórica*, organização de Jurandir Malerba, Petrópolis, RJ, {Vozes}, 2016, pp. 265-271.
- Miranda, Ana. *Desmundo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- Nunes, Maria Eloisa Rodrigues. *Romance histórico contemporâneo: Com a palavra, a mulher*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2011.
- Pesavento, Sandra Jatahy. "Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX)." *Revista Anos 90*, Porto Alegre, n. 4, dez., 1995, pp. 115-127.
- Pesavento, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

- Santos, Boaventura de Sousa. *Descolonizar: Abrindo a história do presente*. Tradução de Luis Reyes Gil, Belo Horizonte, Autêntica Editora / São Paulo, Boitempo, 2022.
- Scott, Joan. "História das mulheres." *A Escrita da História: Novas perspectivas*, organização de Peter Burke, São Paulo, Unesp, 1992, pp. 63-95
- Sevcenko, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- White, Hayden. "O texto histórico como artefato literário." *Trópicos do discurso: Ensaios sobre a crítica da cultura*, por Hayden White, São Paulo, Edusp, 1994, pp. 97-116.